

“Confesso que tenho ansiedade quando penso no futuro“

Por João Damião



Comecei a faculdade bem, a ser entrevistado pela RTP. De microfone apontado, o jornalista inquiria o meu pai, que me acompanhava na inscrição, sobre os valores de quartos em Lisboa. Ele lá ia atirando para o ar as somas do que tínhamos visto na Internet: quatrocentos, quinhentos... O repórter quase levava as mãos à cabeça, sorriu e disse: «Lisboa sai caro...». Jamais me esquecerei do dia 8 de setembro de 2018. Estava a arrumar a louça do jantar com a minha mãe, quando recebi a notícia que tinha entrado em Ciências da Comunicação na NOVA FCSH, a minha primeira opção. De Santarém à capital, este é o início de uma odisseia. Com 18 anos, tive de enfrentar, sozinho, os desafios da cidade. É claro que o mercado de arrendamento é um dos principais.

E esta epopeia fez um filho único crescer e descobrir um poço de coisas que jamais pensou existir dentro dele. Porque convenhamos. Por mais civilizada e cosmopolita que seja, Lisboa tem um *quê* de selvajaria. Para um jovem sobreviver, o «desenrascanço» é um perpétuo estado de alma. «Desenrascanço» que não tinha. A minha família é escalabitana – assim se chamam os naturais de Santarém, para invocarem os seus antepassados dos tempos dos Césares. Normalmente, os ribatejanos não gostam de ser metidos no mesmo saco que alentejanos, embora tenhamos alguma coisa em comum. O «deixar andar» é uma delas. Foi assim que primeiro encarámos a questão da habitação em Lisboa: «ver no que dá». Afinal, as colocações no ensino superior são injustamente tardias para os alunos deslocados: os resultados saem escassos dias antes do ano letivo arrancar e uma boa média não garante entrada direta na universidade ou cidade que queremos. No meu caso, tinha ponderado outras hipóteses, como Coimbra, caso não conseguisse entrar em Lisboa. É suposto fazer o quê? Assinar um contrato de arrendamento em duas localidades diferentes? Esperar que os resultados sejam oficiais e planear uma mudança de vida em sete dias? No meu caso, de privilegiado, foi possível esperar. Discutindo em família, decidimos que começaria o ano letivo em casa de uns primos, na Quinta do Gato Preto, em Almada. Nos anos 60, os meus tios-avós saíram da «terra» para o meu tio ocupar uma posição na Marinha, por isso, desde muito pequeno, passava férias na Costa da Caparica e a minha tia dizia sempre «quando vieres estudar, vens para aqui». A opção era confortável. A minha tia avó insistia em fazer-me sopa e orientar-me para apanhar os transportes até Lisboa. A questão é que sou filho único, sobrinho único do lado da mãe, neto mais novo do lado do pai. Ainda hoje, com 22 anos, as minhas tias tratam-me por «Joãozinho» nos almoços de família. Como acham que isto correu? Primeira semana de aulas: não gostei da faculdade e muito menos de Lisboa. Tinha de apanhar um autocarro na Quinta do Gato Preto até à estação de Arroios. Aí passava para o comboio, que demorava cerca de 20 minutos até Entrecampos. Era um percurso que podia levar perto de uma hora – medonho para um menino do interior que ia para a escola de carro. Lembro-me de chorar no comboio a ouvir a *Landslide* da banda norte-americana FletwoodMac, ouvindo em repetição o verso “*I’ve been afraid of changing cause I’ve built my life around you*” (em tradução livre, “Tenho tido medo de mudar, porque construí a minha vida à tua volta”). Não queria que a minha vida tomasse outro rumo. Fiz as malas, falei com a família e lá regresséi a Santarém. Quando cheguei a casa, disse à minha mãe que queria desistir. Ela só respondeu “nem penses”. E não pensei mais. Mas a Margem Sul não podia

ser destino para mim. Não queria desperdiçar nenhum fim de semana sem voltar ao ninho, por isso opção mais confortável para conciliar as minhas duas geografias era mesmo arranjar um quarto em Lisboa. O problema eram os valores. Na altura, um dos meus melhores amigos propôs ir para a Graça, dividir quarto, a pagar 250€, sem despesas incluídas – Internet, luz, água, enfim. Até encontrar uma boa opção, fiz aquilo que muitos dos meus vizinhos fazem: descer o Tejo todos os dias de comboio, no regional. A viagem não é longa e em 50 minutos chega-se ao Oriente ou a Santa Apolónia. Os preços também diminuíram desde que foi criado o passe da Área Metropolitana, em funcionamento a partir da Azambuja. Num dos primeiros dias de aulas, uma professora perguntou-me se ia e vinha todos os dias, porque, dizia ela, “desde Santarém é fazível”. Na licenciatura, tinha dois colegas já reformados, antigos engenheiros, que me contavam que as secretárias partiam todos os dias de Tomar para trabalhar em Lisboa – o que significa que viajavam de comboio umas quatro horas diárias... Hoje, Santarém tem uma faceta de cidade dormitório, particularmente a zona onde vivo, Almoster, uma área rural, servida por um acesso à A1. Grande parte dos meus vizinhos são lisboetas e continua a trabalhar em Lisboa. Um dia, numa boleia, uma delas contou-me que gastava 400€ mensais de combustíveis (isto no tempo em que não estavam em altas). Era preferível ir de carro porque só demorava 40 minutos e “é melhor do que pagar mais de mil euros de renda”, acrescentou. Depois, há a questão da qualidade de vida. No Ribatejo, encontram vivendas com piscina e jardim que são uma raridade em Lisboa. Talvez comuns na Margem Sul, mas a preços já exorbitantes. E ninguém fala destas pessoas que sucumbem ao mercado em Lisboa e escolhem Santarém... muito menos dos problemas que enfrentam. A sobrelotação dos regionais é um deles. Muitas vezes não há lugares sentados. Um dia fiz o exercício de contar quantas pessoas vinham na minha carruagem, perdi-me nos 60. Ora, o comboio pode chegar a ter mais de cinco carruagens. São milhares todos os dias aqueles que apanham comboio em Tomar ou Santarém para trabalhar em Lisboa. Mas o cansaço de «ir e vir» não durou muito para mim. Conseguí arranjar um quarto na zona de São Sebastião, perto da minha faculdade, em poucas semanas. Pela FCSH, estão espalhados inúmeros anúncios e há até cartazes afixados. Ainda assim, sujeitei-me: para pagar menos tenho de partilhar quarto, cozinha (o que mais me aflige por estar muitas vezes ocupada) e casa de banho. Confesso que sofro de ansiedade quando penso no futuro. Quero continuar em Lisboa, a fazer aquilo que amo, jornalismo, mas não quero continuar a viver num quarto, muito menos partilhado. Por muito boa que essa experiência tenha sido. Já partilhei quartos com colegas da minha faculdade, de áreas diferentes, que me ensinaram muito e que se tornaram grandes amigos. Sobretudo fizeram-me crescer, ensinaram-me a fazer cedências e a ter uma atitude de «desenrascanço» perante a ausência de papel higiénico em casa ou de um frigorífico praticamente vazio. Lembro-me de uma colega de casa que nem sabia fazer um refogado... e do quanto nos rimos. Enfim, na minha história, nem tudo é negativo, ainda que sinta que esse tempo já passou. Agora os projetos são outros. O sonho, esse, continua o mesmo: viver em Lisboa, mas sempre com um *pézito* no Ribatejo.

Fonte: <https://amensagem.pt/2022/09/15/casas-quartos-arrendamento-jovem-lisboa-habitacao-cidade-alojamento-local-alugar-estudantes/>, 17.03.2023